

CATOLICISMO POPULAR NA TRAJETÓRIA DE ELEOTÉRIO CIDADE¹

Joílson Cidade Canto²

João Marinho da Rocha³

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo perceber a importância e a valorização da memória oral nos processos de reconstrução de aspectos da religiosidade popular. Para tanto, tomamos como objeto de análise, as memórias de familiares que narram sobre a vida de Eleotério Cidade e suas relações com os festejos em honra ao Divino Espírito Santo, que ocorre há 52 anos num barracão referenciado na comunidade Santo Antônio, região do Mocambo do Arari Distrito do município de Parintins. A metodologia está embasada na história oral norteadas através dos autores ALBERTI (2008), MEIHY (2005), POLLAK (1989; 1992; 2010) com a participação dos descendentes de um dos colaboradores da festa. A efetivação da festa colabora para manter a memória viva de Eleotério Cidade e sua valorização em prol a festa do Divino Espírito Santo é oriunda de características próprias, no qual vai se mantendo viva a tradição da comunidade a partir da memória coletiva local.

Palavras-chave: Memória; Catolicismo popular; Divino Espírito Santo.

INTRODUÇÃO

A pesquisa teve como objetivo perceber a importância e a valorização da memória oral nos processos de reconstrução de aspectos da religiosidade popular. Para tanto, tomamos como objeto de análise, as memórias de familiares que narram sobre a vida de Eleotério Cidade e suas relações com os festejos em honra ao Divino no Espírito Santo, que ocorre há 52 anos num barracão referenciado na comunidade Santo Antônio, região do Mocambo do Arari.

Os procedimentos adotados se articulam da metodologia através História Oral (ALBERTI, 2008, MEIHY, 2005; POLLAK, 1989, 1992/10) para se obter informes contidos

¹ Artigo apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins, UEA/CESP.

² Graduando do curso de Licenciatura em História CESP-UEA E-mail: joilsoncanto@gmail.com

³ Professor Adjunto no curso de História da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins, UEA/CESP. Grupo de Estudos Históricos do Amazonas-GEHA; Núcleo de Estudos Afro-brasileiros-NEAB/UEA; Núcleo de Estudos afro-brasileiros e indígenas-NEAI-UFAM. Bolsista, projeto de produtividade acadêmica institucional, PORTARIA Nº 108/2021 - GR/UEA, 2021-2023; E-mail: jmdrocha@uea.edu.br/jmrocha.hist@hotmail.com.

nas falas dos filhos⁴ de Eleotério Cidade em relação a história de vida, sendo que as mesmas foram verbalizadas, gravadas e digitalizadas, focalizadas no assunto abordado, do qual se obteve resultados qualitativos sobre a prática sócio religiosa.

A região do Mocambo do Arari está situada a aproximadamente 200 km em linha reta da sede de Parintins. Muitos barcos fazem o transporte de Parintins para lá e da Agrovila para a sede parintinense. Configura-se pelo “lago do Mocambo do Arari”, onde estão localizadas também, segundo dados do IBGE (2011), as comunidades: Nossa Senhora de Lourdes, São Tomé, Santo Antônio, São Pedro, Remanso, Monte Sinai, Anjo da Guarda, Arquinho, Costa do Arco, Borrvalho, Guaribas, Saracura e Ilhas das onças (PEREIRA, 2012).

Sobre essa metodologia, Meihy (2005 p. 18) nos alerta para o fato de “como registros de experiência de pessoas vivas, expressão legítima do ‘tempo presente’, a história oral deve responder a um sentido de utilidade prática, pública e imediata”. Nesse sentido, a metodologia adotada auxiliou na verificação das conexões entre as experiências de vida de Eleotério e o catolicismo popular que permanece sendo praticado em Santo Antônio, mesmo após a sua morte. “Atualmente a história oral já se constitui em parte integrante do debate sobre a função do conhecimento social e atua em uma linha que questiona a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais” (MEIHY, 2005, p 19) e isto acaba por credenciar tal metodologia para iluminar o que Alberti, chama de histórias dentro da história”. Essa mesma pesquisadora nos informa que:

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo de história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas testemunham acontecimentos e se junturas do passado e do presente (ALBERTI, 2008, p.155).

Dessa forma os entrevistados que contribuíram para esta pesquisa, exaltaram a importância e a memorização com relação a religiosidade da localidade, onde os autores que fazem parte da festa enfatizaram a importância da mesma para a comunidade de Santo Antônio. Nesse sentido, vale destacar que;

O trabalho com a história oral se beneficia de ferramentas teóricas de diferentes disciplinas das ciências humanas, como a antropologia, a história, a literatura, a sociologia e a psicologia, por exemplo. Trata-se, pois de metodologia interdisciplinar por excelência (ALBERTI, 2008, p.155)

⁴ Eleotério Cidade, Francisco Cidade, João Cidade (colaborador), Leopoldo Cidade, Maria Cidade, Maria Anita Cidade, Maria Inês Cidade, Miguel Cidade (colaborador), Nazaré Cidade, Rosa Cidade, Rosilene Cidade, Tereza Cidade (colaboradora).

Foi de suma importância enfatizar a história oral, para que se possa alcançar o objetivo da pesquisa, de forma qualitativa e coerente, onde os colaboradores possam estar cientes da importância de cada entrevista.

O projeto também deve discutir e tentar definir que tipo de pessoa será entrevistada., quantos serão entrevistados e qual tipo de entrevista será realizado. Essas escolhas serão condicionadas pelos objetos de pesquisa: “quem entrevistar?”. Depende de que “o que quero saber?”. A decisão deve basear-se em critérios qualitativos, como a posição dos entrevistados no grupo e o significado de uma experiência. Isso significa que os entrevistados são tomados como unidades qualitativas, e não como unidade estatística (ALBERTI, 2008, p.172)

Foram entrevistados três colaboradores, integrantes da própria família de Eleotério Cidade o qual foram de suma importância para a elaboração da pesquisa, cada entrevista foi gravada e digitalizada, para obtenção das informações contidas nas entrevistas. Nisso, as memórias orais se tornam importantes fontes para a escrita de aspectos da história social da cultura local. Vale “destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis” (POLLAK, 1992, p.201).

Para o mesmo autor a memória se caracteriza por:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade (POLLAK, 1992, p. 204).

O presente artigo está distribuído no seguinte formato, **1-Festa do Divino Espírito Santo**, que relata um pouco sobre a festa do Divino, sua historicidade e sua importância de suas diferentes variáveis, sua morfologia, significados e sentidos. **1.1-**Discorre sobre as Festas realizadas no Amazonas buscando um breve passeio sobre as principais festas religiosas em várias localidades do Amazonas; **2- Sobre Mocambo do Arari**, busca a reminiscência sobre o Mocambo do Arari: e suas considerações sócio religiosas; **3-** “*Esse wdflegado para nós, essa tradição*”. Catolicismo popular essa trajetória de Eleotério cidade, relata a trajetória de Eleotério Cidade e a tradição do catolicismo popular por meio do seu legado, materializado na festa do divino. **3.1-** Irá discorrer sobre a comunidade onde a pesquisa foi realizada. **3.2-**Relata como a festa é realizada e organizada com o apoio da comunidade local. **3.3-** A importância sobre o Pai Eleotério Cidade nas memórias dos filhos, e os relatos decorrentes do seu legado.

1. FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, apontamentos.

As festas religiosas estão interligadas com os estudos de história social do cultural, acarretando o pensar sobre a religiosidade popular e sua relação dinâmica, criativa e política e sua diversidade na sociedade. Dessa forma Mary Del Priore enfatiza por sua vez,

As festas coloniais como expressão teatral de uma organização social, procurando focalizar a participação dos diferentes atores, segmentos da elite, índios populares, negros e escravos, o que tornou o seu significado bastante multifacetado e dinâmico, podendo ser um espaço de solidariedade, alegria, prazer, inversão, criatividade, troca cultural, e, ao mesmo tempo, um local de luta, violência, educação, controle e manutenção dos privilégios e hierarquias. (DEL PRIORE, 2000, p. 34).

Vale ressaltar a importância dos historiadores, cujo o foco foi a dinâmica dos movimentos das festas, centrando-se no decorrer da historicidade, avaliada de diferentes variáveis, tais como morfologia, significados e sentidos. Segundo o historiador Vieira Fazenda, um pouco antes, em 1904, consultando uma erudita bibliografia portuguesa, já havia explicado que as festas de Pentecostes, aonde se homenageava o Divino Espírito Santo que surgiu em meados do século XIV, através de um pedido da rainha Isabel, em Portugal, sendo que a festa é de suma importância para a Igreja Católica e foi incorporado às celebrações sacras portuguesas, sucedida nos Açores, nos séculos XV e XVII, onde se eram mantidos o “império dos nobres” e a distribuição de comidas e esmolas aos pobres.

Ocorriam as missas que apresentavam músicas profanas, bem como os sermões, novenas e procissões, assim como não poderiam faltar as danças, fogos de artifícios e barracas de comidas e bebidas. Dessa forma a população escrava ou negra, na maior parte dessas missas, sempre mostrava suas músicas, danças e batuques.

Apesar da herança recebida, que incluía o regime de união entre o Estado e a Igreja e a determinação do caráter e nacional do catolicismo, estabelecido na própria Constituição de 1824, visualizam-se importantes indicativos de mudanças. Após 1830, as comemorações especificamente negras e seus batuques passaram a ser cerceados e poucas notícias temos deles a partir daí. Até o final do século, o número e a pompa das procissões diminuíram; as tradicionais festas perderam popularidade e a do Divino Espírito Santo, a maior delas, transformou-se numa festa de paróquia. As irmandades, por sua vez, sofreram sérias críticas e alterações no seu antigo papel. Os próprios testemunhos de época apontaram para as mudanças, lamentando saudosamente a decadência das festas religiosas e das procissões (ABREU, 1999, p. 36).

É muito interessante como era vista pelos pesquisadores, assim como Jaime Lopes Dias (1960) e Maria de Lourdes Borges Ribeiro (1964), que foram buscar informações sobre a festa do Divino nas origens em Portugal, confirmam que é visível a distribuição de esmolas e os pedidos contra pestes e pragas, enfatizando uma das características principal da festa do Divino como a comilança. Entretanto é importante mencionar a festa do Divino realizada na França no século XVI, onde se chamavam “royames” ou “reyanes”, onde os reis e rainhas eram eleitos e gozavam da soberania sobre os “irmãos” do santo padroeiro.

Em diferentes períodos do século XIX encontramos nos jornais referências mestra da vida das irmandades, grandes ou pequenas. Era o momento de afirmar a força daquela devoção, e a de seus próprios membros, e de reunir os fundos necessários para a assistência, já que se aproveitava a ocasião para a cobrança das mensalidades atrasadas. O dia da festa, também, de acordo com os compromissos consultados, era o momento solene da distribuição dos benefícios e da caridade (ABREU, 1999, p. 36).

Nesses ritos, os reis ou rainhas eram entronizados juntamente com a corte, onde se realizavam os bailes, os banquetes e exaltações do amor, para a França, Le Roy Ladurei (1994) cita que esta prática poderia ter diferentes sentidos, pois expressava ao mesmo tempo o sentimento religioso, pois os reis eram coroados pelo sacerdote, na igreja, a generosidade, pela distribuição de dinheiro às instituições religiosas, a sedução porque os eleitos se consideravam rei dos amantes e, finalmente, uma conotação política, pela obvia imitação, uma conotação política, obvia imitação da monarquia francesa, no qual se difere uma “síntese da festa regrada, pelos ritos solenes e formalizados, e da festa selvagem”.

Nas festas religiosas emergiram dos estudos da história cultural como local privilegiado para se pensar o exercício da religiosidade popular e sua relação dinâmica, criativa e política com os diferentes segmentos da sociedade, seus próprios pares, representantes do poder, autoridades locais, setores eruditos e reformadores católicos ou protestantes, conforme o caso (ABREU, 1999, p.38).

Assim, recuperar aspectos das práticas sócio religiosas a partir das memórias de descendentes de seu Eleotério Cidade em Santo Antônio do Mocambo do Arari. No Amazonas, há registros de inúmeros municípios onde tem a festa do divino. Citamos por exemplo Uarini no médio Solimões, Urucará e Maués no Baixo Amazonas. A festa é realizada em várias localidades dos interiores do município também. Em Maués, é organizada pela conhecida como “irmandade do Divino” que têm 119 anos de história, é uma manifestação centenária, que iniciou antes mesmo da criação da própria paróquia de

Nossa Senhora da Conceição, pertencente a Diocese de Parintins, e hoje em dia é responsável pela organização do evento. Há mais de 119 anos, a Irmandade do Divino Espírito Santo, todos os anos realizam fazendo visitas de casa em casa, visitando os devotos nos bairros e comunidades de Maués⁵.

Esse mesmo grupo foi reconhecido pelo Papa Leão XII, em 1903, sendo que os primeiros relatos dessa manifestação religiosa são de 1835, no tempo da Guerra da Cabanagem. As festas, afinal, cabem ao contexto social que as comemora e produz, atribuindo seus próprios impulsos e cores. Como menciona Abreu,

[...] as homenagens ao Espírito Santo eram importantes por si só; não estavam ligadas a um tipo específico de prece espiritual – ou a um determinado segmento social – a não ser a proteção geral aos pobres. Falavam sempre de muita alegria, prazer, comidas e bebidas; apresentavam o Divino como amigo dos pobres e consolador após a morte; ajudavam recolher esmolas, elogiavam quem contribuísse, prometendo-lhe muitas graças (ABREU, 1999, p. 47).

A festa do Divino Espírito Santo é festejada em várias localidades do Brasil, sendo que a fé rege as pessoas que acreditam nas bênçãos dessa divindade e por mais que alguns não estejam muito envolvidos, em determinado momento, eles se rendem à devoção e iniciam aí o aprendizado e a transmissão de saberes pela memória e pela experiência que cada um obteve na sua vivência, seja como simples devoto ou fervoroso folião do Divino.

2.SOBRE MOCAMBO DO ARARI: Consideração Sócio religiosas.

Segundo algumas pesquisas relacionadas com a historicidade do Mocambo do Arari, compete ao caso do livro de Mário Monteiro (2003), “Uma cidade em plena selva: História do Mocambo”, realizado a partir de depoimentos e relatos dos moradores antigos da região. Conforme a obra, o termo Mocambo significa ajuntamento de choças na floresta em que se refugiavam os escravos, os quilombos (MONTEIRO, 2003). De acordo com o autor nativo do Arari, os moradores mais antigos da localidade, entre eles sua avó Maria Batalha, contam que em 1835, época que brotou no Estado do Pará a Revolução dos Cabanos, já existiam habitações nessa região que ficou conhecida por Mocambo, porque os moradores costumavam se esconder nas matas, junto com os índios em suas malocas, fugindo dos

⁵ Disponível em: <https://alvoradaparintins.com.br> acesso:25/07/2022.

revolucionários Cabanos, pois estes nessa época andavam por essa região de igarité e segundo depoimentos dos antigos moradores usavam de violência e brutalidade.

Ao certo como alguns moradores antigos contam que moravam nas chamadas cabeceiras, nas áreas de várzea, onde se localizava a boca do Mocambo, com o passar do tempo a ilha passou a ser abrigada por moradores em grande número, dessa forma muitos moradores do Mocambo do Arari, significa refúgio na floresta ou quilombo, com relação ao termo do território no qual se encontram inseridos numa relação do termo mocambo com a região do Arari, pertencente ao município de Parintins, Amazonas.

É imprescindível mencionar que muitas dessas comunidades foram atribuídas através do surgimento e organização com relação à Igreja Católica, imbricadas aos Movimentos Eclesiais de Base, elas se encontram tanto em terra de várzea, quanto em terra firme. E entre elas se encontra a Agrovila de São João do Mocambo do Arari que têm em sua história através da Igreja Católica, criada em 24 de junho de 1964, o presidente Antônio dos Anjos Nogueira (CERQUA, 2009). A última versão seria uma adaptação da data de fundação da comunidade com a data de nascimento de São João Batista, bastante comemorado na Amazônia (BRAGA, 2007).

Com relação, a Congregação Mariana de São João do Mocambo do Arari foi fundada pelo mesmo movimento da comunidade de São Sebastião do Saracura que tinha como líder Maria Piedade da Cruz Batalha, mais conhecida como Dona Piá e tinha como presidente José Augusto de Alcântara, o Zé Cutuba. Piedade era membro do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus da Congregação de Maria do Saracura e foi convidada junto com sua família por Aquelino Bentes Vieira para a criação da Congregação Mariana do Mocambo do Arari (MONTEIRO, 2003, p.11). O começo da Congregação se deu na casa da comunitária Angélica Caldeira, genitora de Domingos Caldeira, primeiro presidente do movimento católico do Arari, onde existia um barracão no qual Angélica Caldeira guardava uma imagem de São João Batista e festejava anualmente seu santo de devoção (MONTEIRO, 2003, p.11). A respeito do lugar onde se dedica os festejos e devoção ao santo, Rosendahl considera que:

O homem consagra o espaço porque ele sente necessidade de viver num mundo sagrado, de mover-se num espaço sagrado. O homem religioso, desta maneira, se exprime sob formas simbólicas que se relacionam no espaço: cada vez que se ergue uma nova igreja, o grupo religioso tem a impressão de que cresce e se consolida. (ROSENDAHL, 2002, p. 209)

É como Monteiro (2003) afirma que quando foi criada a Congregação Mariana no Mocambo do Arari, residiam 24 famílias na comunidade, mas que, anterior à sua fundação, a localidade tinha mais habitantes que acabaram se dispersando para as terras de várzea, em virtude das epidemias de várias doenças como febre amarela, catapora, caxumba, coqueluche entre outras. Alguns padres já haviam realizado casamentos, batizados e outros sacramentos católicos no Mocambo antes deste ter uma Congregação Mariana, no entanto, a história da comunidade anterior à criação do movimento mariano parece ter sido silenciada.

Antes de se tornar Congregação Mariana em 1964, o Mocambo do Arari já possuía uma escola que funcionou na casa de Domingos Caldeira que deu ao seu imóvel o nome de Santa Maria, a escola foi batizada com o mesmo nome, teria sido a primeira da localidade, criada em 1962, cujo o próprio dono da escola foi buscar uma professora na sede do município de Parintins, que se chamava Cecília Corra Silveira. Após funcionar durante muitos anos na casa de Domingos Caldeira, uma nova escola então foi construída na ilha de São José em 1966, sendo construída em alvenaria em 1980 (MONTEIRO, 2003). Na realidade existe vários fatores decorrentes da gênese do Mocambo do Arari que foi se organizando como comunidade e se desenvolvendo no decorrer dos anos. Para que a comunidade crescesse e se tornasse uma Agrovila com descrições de um espaço urbano, Eleutério destaca que,

Relatos de antigos moradores asseguram que em 1943 e em meados dos anos 70, do século passado, o fluxo migratório foi intenso no Distrito de Mocambo do Arari em decorrência de grandes enchentes que inundaram as áreas de várzea. As comunidades que migraram para o Lago de Mocambo foram: São Pedro do Borralho, Santo Antônio do Canudo e Nossa Senhora de Lourdes do Paraná do Arari (Eleutério, 2015, p. 138).

O Mocambo do Arari é dependente de Parintins em relação à política. A Prefeitura mantém em seu quadro funcional um administrador Distrital ou presidente comunitário que é responsável pela administração local. O prefeito indica o administrador do Mocambo do Arari a cada quatro anos. Além disso, segundo Pereira (2012, p. 14) o Mocambo não tem representante no Legislativo municipal, “o que dificulta implantação de projetos para a captação de recursos a serem aplicados em melhorias dos serviços públicos básicos, dificuldade enfrentada pela maioria das regiões interiorana”.

Relembrando que no decorrer da historicidade do Mocambo do Arari cabe ressaltar que a religiosidade esteve sempre presente, dando ênfase até a sua criação, mesmo que os comunitários carregam consigo festas religiosas desde seus descendentes e vão passando de

geração a geração como um rito sagrado interligado o sagrado ao profano. Cada comunidade festeja algum santo (a), onde realizam festejos e foi com esse intuito que a pesquisa foi em busca dessa realização, nessa mistura de fé e devoção, visto que, é algo oriundo dos moradores da comunidade, que buscam manter viva essas tradições.

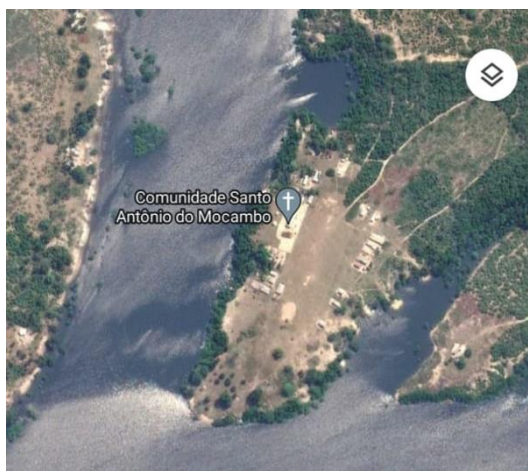
Como menciona Monteiro (2003), a Igreja Católica através de Dom Arcângelo Cerqua, bispo de Parintins, oficializou a instalação da Congregação Mariana, fato este muito lembrado pelos comunitários. De acordo com o escritor mocambense, antes de a Congregação Mariana ser instalada já havia a presença de padres realizando sacramentos pela comunidade do Mocambo.

3. “ESSE LEGADO PARA NÓS, ESSA TRADIÇÃO”. CATOLICISMO POPULAR ESSA TRAJETÓRIA DE ELEOTÉRIO CIDADE

3.1. Sobre a comunidade

A pesquisa foi realizada na Comunidade Santo Antônio do Mocambo (Figura 1 e 2), situada no Mocambo do Arari, visto que o estudo teve como colaboradores, três irmãos que são filhos do grande colaborador da Festa do Divino Espírito Santo e sua trajetória de vida, seu Eleotério Cidade, cujo pode manter viva a festa por um determinado tempo deixando seu grande legado, e para tanto é preciso que seus descendentes deem continuidade aos festejos, e foi assim que se sucedeu as entrevistas que por meio dos diálogos e relatos de seus descendentes que podemos conhecer a realidade dos fatos que as norteiam.

Figura 1: Mapa de Localização da Comunidade Santo Antônio do Mocambo



Fonte: Google, 2022.

Na fala de um dos colaboradores menciona que: “Sobre a comunidade, a comunidade que o papai vivencio, era a comunidade Nossa Senhora de Lourdes no Arari, depois agente comprou a propriedade no Mocambo a cabeceira Surará que é a comunidade de Santo Antônio, que hoje está ativa”.⁶

Figura 2: Comunidade de Santo Antônio do Mocambo



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

3.2. Sobre a festa do santo

A Festa do Divino, é preparada e organizada com a participação e o grande envolvimento da comunidade local, sendo que devido ser passada de geração a geração, a família o qual carrega consigo a responsabilidade de manter viva a tradição, visto que todo ano é escolhido um responsável pela festa, assim como os seus auxiliares. Geralmente é realizada num determinado local, ou seja, no barracão da comunidade (Figura 03), visto que, a distância entre uma propriedade e outra na comunidade é bem presente.

Figura 3: Barracão (sede) onde ocorre a festividade ao Divino



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

⁶ João Leal Cidade, 69 anos. Entrevista realizada em 2022 em Parintins.

Não é fácil delimitar o espaço do sagrado e do profano quando se analisa as festas, pois os dois se misturam e se entrelaçam fixamente, onde o ritual da festa provoca momentos de sociabilização necessários para as pessoas. A festa é realizada no barracão (sede), onde a comunidade juntamente com os responsáveis da festa se reúnem para celebrar e agradecer o Divino Espírito Santo pelas graças recebidas (Figura 04, 05, 06 e 07).

Figura 4 e 5: Momentos da celebração do Divino Espírito Santo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 6: Imagem do Divino.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 7: Devotos fazendo seus pedidos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

A imagem do Divino Espírito Santo é ladeada por fitas (Figura 6), que significam pedidos dos devotos, vale ressaltar que a fé vai muito além do que se imagina, sendo que muitos desses pedidos se tornam realidade, isso vai depender da fé de cada um. O caráter destas práticas

religiosas se inicia com novenas e cantorias justamente com o objetivo de arrecadar recursos para custear a festa.

É preciso ser cauteloso diante da compreensão da memória coletiva como uma estrutura que é criada e recriada durante as práticas discursivas nos momentos em comum divididos pela comunidade, quando identidades sociais e individuais são formadas. Outro momento importante é o hasteamento do mastro com a bandeira montado pelos auxiliares da festa (Figura 08 e 09), é erguido pelos homens da comunidade (Figura 10 e 11).

Figura 8 e 9: Montagem do mastro do Divino Espírito Santo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 10 e 11: Momento em que o mastro do Divino Espírito Santo é erguido.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Significando a suma importância da celebração das festas religiosas como a do Divino Espírito Santo, os sujeitos tornam-se únicos através dessas práticas culturais, a comunidade em

conjunto se junta para adquirir recursos para a festa e com recursos da comunidade construíram a sede dos festejos. Na fala de um dos colaboradores relata que:

É pôr situações agente graças adeus, agente teve um, teve programações de torneio, torneio de lá laço, torneio de bola e todo aí eu, fui ajudando, aí o que a gente arrecadava justamente era pra lá, conseguimos fazer uma sede melhor pro Santo ir fazia aquela procissão fluvial é né o Santo Sara de assim, uma semana, a gente pagava gente pra ir rezar pôr rezadores saírem com Santo, aí no dia final si chegava pra fazer a ladainha, que era de promessa do finado meu pai com a mamãe⁷.

É importante ressaltar o olhar de cada descendente, sua colaboração e relação com a festa, segundo um dos colaboradores da festa nos relata detalhes da programação da festa aonde tudo começou.

Assim a gente dá início na programação das festas das atividades; que era sempre feita no final de julho, por motivo de muita festa, a gente escolhia a data final de julho e começo de agosto que a gente teria feito, mais a gente realiza essa festa do Divino Espírito Santo, e no lago Santa Rosa cabeceira Surara e na comunidade Santo Antônio do Mocambo. E até hoje eu tenho pensamento de levar em frente o pelo menos conversar com meus irmãos minhas irmãs e com meus sobrinhos que somos família, de dar andamento e levar a frente a promessa do meu pai que ele deixou⁸.

Nas vésperas do Domingo de Pentecoste, ocorre a ascensão do mastro com a bandeira do Divino, um pavilhão vermelho com a pomba branca ao centro, é carregada pelos músicos e rezadeiras que visitam as casas dos devotos para cantar e rezar. Segundo os relatos dos colaboradores um dos momentos mais importantes da festa, é a romaria, uma procissão fluvial que vão louvando e rezando em direção ao local de festejo, assim como um dos colaboradores relata:

Sobre a romaria do Santo a gente sai lá da casa de alguns amigos, naqueles que pedem para a gente ir fazer a procissão fluvial, e são as cinco horas que a gente vai é buscar o Santo na casa de alguém que tiver, que doa para a gente, ir a gente, ir a gente as cinco horas da tarde vai em romaria buscar o Santo, é uma procissão fluvial é as seis horas chegar no devido lugar, onde é a casa que for onde ele ficar, aí é rezado a ladainha e oferecido a todos que tem sua boa devoção. Que ele acompanhe a gente, derrubada do mastro nesse horário, então todo isso faz parte da festa do Divino Espírito Santo⁹.

É de imponência a importância da procissão fluvial justamente devido ser mantida a tradição e repassada de geração a geração e a comunidade se une para que tudo ocorra de

⁷ João Leal Cidade, 69 anos. Entrevista realizada em 2022 em Parintins.

⁸ Miguel Leal Cidade, 63 anos. Entrevista realizada em 2022, Mocambo.

⁹ João Leal Cidade, 69 anos. Entrevista realizada em 2022 em Parintins.

forma positiva, com o intuito de demonstrar a fé que cada um carrega consigo e por isso que se é rezado a ladainha em forma de canção (Figura 12 e 13).

Figura 12: Procissão fluvial.



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

Figura 13: Os devotos vão cantando e rezando.



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

Assim como toda a comunidade se envolve, a festa também recebe ajuda do núcleo central da comunidade de Santo Antônio, a Igreja, e também dos colaboradores que residem na cidade de Parintins que são devotos do Divino Espírito Santo, conforme relata um dos nossos colaboradores.

A presença da igreja tem né ajuda lá é um núcleo e nós não temos essa igreja, mas os pessoais da comunidade ajudam sim! Com a participação, com trabalho com organização, agente é grato pôr isso, amigos daqui de Parintins também ajudam a gente sim¹⁰.

No decorrer do tempo a festa foi sendo celebrada por todos os familiares da comunidade que se comprometiam e fazer os festejos para que fosse bem-sucedida e organizada, assim como menciona o colaborador.

Sobre a organização de festa, a gente a doa, a gente organiza a festa através de um primeiro ponto, uma reunião sobre a família, a gente nunca deixou de lado nem um dos membros dos filhos dos sobrinhos, netos. Então a gente organiza faz reunião e lá cada um ser a doa, a gente dar animais, para abate, para organização da comida. Sobre a alimentação é gratuita, temos o almoço às vezes a jantar e o

¹⁰ Idem

café da manhã, então todo mundo se empenha por melhor êxito da festa, sobre a alimentação e doado não é vendida¹¹.

Vale ressaltar as doações que fazem parte da rotina durante os festejos, e a forma satisfatória dos doadores, como os fazendeiros que oferecem reses, e a comunidade que doam os alimentos (arroz, macarrão, feijão, e etc.), para o almoço e o jantar que é oferecido gratuito para todos que participam da festa, assim como as outras doações (militos, pipocas, bombons e dinheiro) são colocadas no mastro (Figura 14 e 15), e dessa forma acabam sendo agraciados por fazerem parte da festa e sempre retornam na comunidade com suas colaborações, é como relata o colaborador:

Falar um pouco sobre as doações a gente tem amigos que só, muitas pessoas, pois só nossa família não pode realizar a festa do tamanho que ela é. A gente graça adeus tem umas amizades que a gente pedi ajuda de uns amigos, nossos amigos ajuda, até por que eles gostam da família e tenham fé no Santo e há vez tem uns que doam animais ou outros alimentos, graças a Deus todo mundo vai lá e fica feliz e promete voltar no próximo ano de novo. A família se uni em primeiro lugar, nossa família é unida como irmãos e como irmãs, como sobrinhos, netos, como do papai a gente consegue organizar a festa pra fazer de tudo pra satisfazer as pessoas que lá se encontram¹².

Figura 14: Reses doadas (carnes).



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

Figura 15: Doações para o mastro.



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

É de suma importância exaltar os cânticos, rezas ou qualquer outro tipo de ritual que aconteça durante a festa do Divino Espírito Santo para que se possa ter uma melhor compreensão do lugar, das pessoas, das modificações, dos juízos de valor e do modo de expressão da comunidade. É na demonstração máxima da fé que se compreende quão

¹¹ Idem

¹² Idem

grandioso é o culto ao Divino Espírito Santo. Vale ressaltar que o santo é confeccionado pelos moradores da comunidade, assim com os descendentes de Eleotério Cidade, filhas, filhos, netos, netas, sobrinhos e sobrinhas, vão colocando as fitas e enfeitando (Figura 10).

Figura 16: Colocando as fitas no andor.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Figura 17: Confeção do andor do Divino.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

No enfoque teórico e metodológico, analisou-se o ambiente social e a própria disposição da comunidade para a construção dessa festividade. O comparecimento das mulheres na organização da estrutura básica da festa é notório sendo visível nas fotografias. Elas “tomam a rédea” da coordenação e tudo sai conforme a tradição. Permanece ali uma relação viva de fé entre essas pessoas e seu padroeiro, que será refletida no comprometimento e dedicação em realizar a cada ano uma festa melhor que a outra.

Podemos descrever que a festa do Divino é um conjunto de ritos bem marcantes, cada um com sua especificidade, mas é algo além de uma simples festividade, como se comemorássemos um dia santo e também norteadada através do conceito de manifestação cultural, uma vez que a “festa” envolve todos os elementos transcorrendo na casa, na rua, na roça, na comunidade e na igreja.

3.3. Das memórias sobre o pai e suas conexões com a festa do Divino.

Figura 18: Eleotério Cidade'



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

O diálogo entre os colaboradores se transforma em memória viva perante os fatos oral com relação a Festa do Divino Espírito Santo, enfatizando um dos grandes colaboradores da festa seu Eleotério Cidade (Figura 11), o qual deu a missão passando para seus descendentes de dar continuidade aos festejos.

Segundo Pollak,

Em sua análise da memória coletiva, Maurice Halbwachs enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos. Entre eles incluem-se evidentemente os monumentos, esses lugares da memória analisados por Pierre Nora,' o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias. (POLLAK, 1989, p.03)

O mesmo autor lembra que:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (POLLAK, 1989, p.04).

Sobre o que se escolhe lembrar e o que se escolhe esquecer, nos informa esse autor que:

... há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos. ‘O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do ‘não-dito’ à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. (POLLAK, 1989, p. 09).

Segundo as narrativas de um dos colaboradores, seu pai teve uma relação de longa data e a partir de promessas com seu santo de devoção e a partir de então a festa do divino adentra em sua vida.

Com os meus dezessete anos, o papai fez uma promessa com o Santo dele, que é o Divino Espírito Santo, e esse ainda na área de várzea, e ele realizou a festa em suas promessas com o padroeiro dele, que é o Divino Espírito Santo. E de lá por diante ele não pode mais fazer, por motivo de não ter patrocínio, ninguém ajudava! E sempre ele falava de realizar essa festa, levar em frente a promessa dele. Como eu mim casei e na época eu tinha vários trabalhadores, eu resolvi fazer um barracão, eu, fomos por mato tirar madeira, junto com meus trabalhadores e a ajuda de alguns irmãos, que nem todos queriam, mais a gente conseguiu fazer o barracão da festa, ir assim foi dado o início a festa, a promessa do papai com a mamãe já na comunidade Santo Antônio e[...] depois a gente se envolveu justamente com os filhos, gerou¹³.

A festa o qual seu Eleotério colaborou por muitos anos, por motivos pessoais e familiares se deu uma pausa por um momento nos festejos é como mencionou um dos colaboradores.

Então o papai ele deixou esse legado para nós, essa tradição que a gente não queria deixar Pará, por motivo de eles falecerem agente parou, mas falando nisso eu quero dizer que o papai foi um trabalhador muito, um pai exemplar para mim pós filhos e para as filhas pós netos, o papai era um trabalho rural ele o qual trabalhava muito na seringa na balata e no alto Nhamundá no Paratucu nessa coisa aí. Quando eu conheci o papai o papai falava do pai dele João Bernardo Cidade, então eu acho que foi por isso que eles colocaram meu nome de João e qual ele ficou feliz¹⁴.

Dando continuidade sobre o legado de Eleotério Cidade, um dos colaboradores cita:

Continuando fomos pra terra firme nu lugar chamado é santa Rosa, que lá é uma propriedade dele, que era, ele lá o papai tinha criação de boi no qual incentivava agente como filho, ir ele como pai, pra gente cria, agente tivemos nossas criações, minha irmã até hoje ainda cria, meu irmão cria também, mais é assim ele deixou,

¹³ Idem

¹⁴ Idem

mais um, não era, vamos dizer assim um criador grande, mais um mini criado do papai era é ele sempre gostou da atividade dele como criador, não era pecuarista mais criava animais. Era muito bom agente sobrevivia disso, tinha vez que ele sobrevivia disso, e trabalhou muito fizemos campo par ele, quando eu e o finado meu irmão que faleceu nos era os mais velhos, ajudamos muito ele, e o qual a criação que ele deu pra nós eu fico muito satisfeito como filho, e passou isso pra nós meus filhos pra alguns sobrinhos meus que honrem atividades deles, como pai que ele foi um homem exemplar, que eu nunca vir nada do meu pai¹⁵.

A colaboração de Eleotério Cidade foi de suma importância para a comunidade fazendo com que a festa ocorresse todos os anos, almejando sempre o caminho do bem, é como cita um dos colaboradores.

Na comunidade ele sempre procurava ajudar, a comunidade de Santo Antônio, lá que ele residia bem em frente, era um homem honesto, não é pôr ele ter morrido, mais o nome dele graças a Deus eu levo até hoje o caráter de homem, um homem honrado, e eu passo isso prós meus filhos e para todos meus amigos e pra todos meus sobrinhos, e assim eles precisarem¹⁶.

É imprescindível procurar saber quem eram os rezadores antigos da comunidade, visto que são essenciais para o andamento da pesquisa.

Rapaz eu não sei! Quem rezava ladainha para o Santo era o finado Zimoca. Hoje ele já é faleceu esses tempos, mas tem os filhos dele, que estou esquecido é uma pessoa muito empenhado em rezar a ladainha, e a hora que a gente precisa ele vai e junta o pessoal dele e reza, e rezava de primeiro o Zimoca¹⁷.

Uma das colaboradoras relata um pouco de como era importante a saga de seu pai junto a família e relata um pouco sobre si mesma.

Vou dá uma boa tarde né, eu sou filha de Eleotério Cidade né, eu sou uma filha que eu tive pouco estudo. Sou Tereza Cidade Fonseca, eu estudei até a quarta série, porque meu pai não tinha condições de mim mandar ensinar mais. Porque agente morava no interior e era até a quarta série que agente estudava lá, ao mesmo tempo o pai era um pai cuidadoso, amoroso com todos nós, era um pai que só queria ver nosso bem, e até o dia que eu vivi com ele, foi um pai muito cuidadoso né, um pai dez para nós. Agora sou aposentada, antes eu trabalhava na roça com meu pai para sobreviver, era na roça na junta esses trabalhos que a gente fazia para sobreviver, porque ele não tinha também de onde tirar nosso sustento, agente era do campo né, roça, cuidava de gado que tinha e os bichos que agente criava nossa profissão era essa e do meu pai também. O meu estado civil hoje em dia sou viúva, foi casada tive meus filhos, mas hoje em dia sou viúva né¹⁸.

¹⁵ Idem

¹⁶ Idem

¹⁷ Tereza Cidade Fonseca, 64 anos. Entrevista realizada em 2022, Parintins.

¹⁸ Idem.

A colaboradora ressalva também como eram seus avós segundo relatos de seu pai Eleotério Cidade.

Olha! Meu pai sempre contava dos nossos avós que eu perguntava, por que eu não cheguei a conhecer meus avós, única que ele contava, que também ele era ele era uma pessoa, que o vovô teve ele pouco tempo, porque ele morreu e ele ficou sem pai, ele foi criado pelo os outros, viveu mais trabalhando pelo campo dos outros, assim pra sobreviver, o vovô morreu deixou o papai novo né¹⁹.

Sobre a importância da religiosidade, suas promessas e os responsáveis pela festa a colaboradora menciona:

A essa prática foi ser religiosa, ocorria com procissão, com o almoço davam jantar, dava festa de dança era assim que a gente fazia festa e continua fazendo, quando dava para fazer. Com a ladainha do Divino Espírito Santo e assim que ocorre, faz a procissão fluvial. As pessoas continuaram a fazer promessa, e cumpriam com as promessas deles tudinho, para poder fazer, que tinham fé, o Divino Espírito Santo é muito, um santo milagroso. Agora do meu pai ficou para minha família, que pude fazer a festa do Divino, a gente faz com a mesma coisa, com almoço com a janta com procissão, são os filhos que ficaram se envolvendo com essa promessa que vem da família. Fica lá, no Mocambo do Arari, cabeceira do Surara fica em casa mesmo a gente faz a comunidade próxima Santo Antônio²⁰.

Figura 19,20 e 21: Colaboradores da pesquisa. Filhos de Eleotério Cidade



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Em memória de todos os familiares, aos grandes colaboradores da festa que não se encontram entre nós, é justo fazer uma homenagem para que não se possa deixar passar despercebido o legado deixado pelos mesmos. (Figura 15).

¹⁹ Idem

²⁰ Idem

Figura 22: Painel em memória de Eleotério Cidade



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A celebração da religiosidade popular não é prescrita pela liturgia do catolicismo românico, porém, celebradas através de ritos que interligam o encontro do ser humano com o mundo espiritual e sagrado. Nesse sentido, a prática religiosidade popular que emerge da trajetória de vida de Eleotério Cidade acaba sendo uma perspectiva de observação das conexões sagrado/profano que na Amazônia profunda estão intensamente interligados.

Dentre os elementos rituais destacamos que o festejo é marcado por procissão, na qual os devotos acompanham, muitos carregando velas que representam a luz. Ao que se observa, a fé é essencial para que se possa manter viva a tradição da festa, justamente porque o preparo dela caminha ao longo de todo um ano para que se possa realizar a mesma as celebrações, as folias, os ritos e, especialmente, a influência e importância do Divino Espírito Santo em sua vida e no seu espaço de convivência daquela comunidade, em especial da família que guarda a memória promessa do pai.

Ali existe uma relação intensa de fé entre essas pessoas e seu padroeiro. Chamamos atenção, especialmente a presença das mulheres na organização da estrutura básica da festa. Elas “tomam a rédea” da organização e tudo sai conforme a tradição, assim como os cânticos, rezas ou qualquer outro tipo de ritual que aconteça durante a festa do Divino Espírito Santo.

Para os colaboradores desta pesquisa, a festa é atualização de compromisso e de fé com o sagrado e com as promessas feitas pelo patriarca Eleotério. Assim, como os momentos de

uma história passada e ao mesmo tempo presente em que jovens, adultos e idosos recebiam e transmitiam conhecimento, seja na hora de cozinhar um bolo ou levantar uma tenda. Esse processo de comunicação entre o grupo e seus convidados e que é passado de geração a geração, sendo por isso, um aspecto das práticas religiosas daquela região e que devem ser cada vez mais identificadas, descritas e analisadas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.

ALBERTI, Verena. Fontes orais: História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes orais**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

Alvoradaparintins.com.br. Disponível em: <https://alvoradaparintins.com.br> acesso: 25/07/2022.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Festas religiosas e populares na Amazônia: cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. In: Centro de Estudos Sociais - Universidade de Coimbra. (Org.). **Oficinas do CES**. 2007, v. 288, p

CERQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de fé no Médio Amazonas**. 2.ed. Manaus: Prograf, 2009.

DEL PRIORE, Mary Lucia. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ELEUTÉRIO, Célia Maria Serrão. **O Diálogo entre Saberes Primevos, Acadêmicos e Escolares: potencializando a Formação Inicial de Professores de Química na Amazônia**. 2015, 236f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. **O estado monárquico: França, 1460-1610**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MONTEIRO, José Mário Caldeira. **Uma cidade em plena selva: História do Mocambo**. Parintins, 2003.

PEREIRA, Filadelfo. **Mocambo do Arari: Minha origem, meu legado**. Edição do autor, Manaus, 2012.

POLLAK, Michael. “Memoria, esquecimento, silencio”. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

_____. “Memória e identidade social”. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992;

ROSENDAHL, Zeny. Uma proposição temática. In: MENDONÇA, F. e KOZEL, S. (Orgs.) **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. – Curitiba: Ed. Da UFPR, 2002. P. 197 – 265 - 214.

UOL, EDUCAÇÃO, <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/festa-do-divino-comemoracao-tem-sete-seculos-de-existencia.htm> acesso em 03/03/2022 15:42.